

*Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*¹

*Fernanda Tocchetto*²

Resumo

O artigo apresenta a investigação realizada sobre quatro sítios arqueológicos históricos situados no município de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Visando interpretar práticas cotidianas em unidades domésticas oitocentistas, relacionadas às refeições, ao consumo do chá e ao descarte de lixo, procurei estabelecer uma relação entre os contextos e materiais arqueológicos evidenciados e os discursos e práticas situadas no processo de construção da modernidade brasileira no século dezenove. Tais práticas foram contextualizadas em nível local, nacional e internacional, considerando as influências de uma Europa moderna e já capitalista. A desterritorialização dos discursos de seus lugares de origem provocou a apropriação, a reinterpretção e a adaptação de valores e práticas modernas ocidentais segundo particularidades locais.

Palavras-chave: Práticas Cotidianas, Modernidade, Porto Alegre Oitocentista.

¹ Tese de Doutorado defendida em janeiro de 2004, Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Arqueologia, PUCRS, Porto Alegre.

² Museu Joaquim José Felizardo / Secretaria Municipal da Cultura / Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS, Brasil. Endereço da autora: Rua Maestro Mendanha, 210/401, Porto Alegre, RS, 90620-160. E-mail: tocchetto@smc.prefpoa.com.br.

Abstract

The presents investigation realized on four historical archeological sites in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Seeking to interpret daily practices in nineteenth century domestic sites, such as meals, the consumption of tea, and garbage disposal, the author tries to establish a relationship between contexts archeological materials, and the discourses and practices embedded in the process of construction nineteenth century Brazilian modernity. Such practices were contextualized in local, national and international levels, considering the influences of an already modern capitalist Europe. The displacement of the discourses out of their origin place of let to the appropriation, reinterpretation and adaptation of western modern values and practices according to local peculiarities.

Keywords: Practical Cotidianas, Modernidade, Porto Alegre Oitocentista.

Neste artigo venho apresentar os resultados e os elementos que compuseram a construção teórica que adotei em uma pesquisa realizada sobre sítios arqueológicos oitocentistas, situados no município de Porto Alegre (Tocchetto, 2004).

Debruçada sobre quatro unidades domésticas, procurei analisar e interpretar práticas cotidianas entrelaçando-as ao processo de construção de uma modernidade brasileira durante o século dezanove. Minha preocupação foi, ao selecionar as esferas da vida cotidiana que seriam foco do estudo, estabelecer uma relação entre os contextos arqueológicos evidenciados, os materiais recuperados e os discursos e práticas marcadas por uma influência europeizante moderna. Desterritorializados dos seus lugares de origem, de uma Europa moderna e já capitalista, os valores e idéias eram no país apropriados, reinterpretados e adaptados às particularidades lo-

cais por determinados segmentos sociais ou até mesmo negligenciados, rejeitados. Sob esta perspectiva e com o olhar voltado para especificidades deste processo, interpretei as práticas cotidianas vinculadas às refeições e ao chá a partir das peças de louça e de vidro recuperadas das lixeiras domésticas, e àquelas de descarte de refugos que formaram os depósitos de lixo estudados.

Fiz a caminhada considerando que "interpretar algo é descobrir o que significa" (Shanks e Hodder, 1995:06). As arqueologias chamadas interpretativas, referidas no plural segundo preferência dos autores Shanks e Hodder (op.cit.), são relacionadas a um processo contínuo na construção do conhecimento, sujeito a diferentes subjetividades e particularidades do pesquisador, como autor no presente, nas suas maneiras de sentir, abordar e conduzir o tema de estudo. Como pontuam Shanks e Hodder (idem) e Hodder (1991), o arqueólogo deve ser considerado sujeito atuante e responsável pela construção interpretativa do passado. A interpretação é multifocal, isto é, um mesmo passado pode ter múltiplas interpretações; estas podem ser resultado de diferentes intenções, desejos e necessidades a partir da consideração do arqueólogo enquanto subjetividade comprometida na construção do passado. A interpretação como um processo contínuo, não tem final e nem uma avaliação definitiva de como foi o passado. Sendo assim, relacionando contextos e materiais arqueológicos com contextos e dados históricos, discursos e práticas, construí uma possibilidade interpretativa sobre quatro unidades domésticas, inseridas em âmbito local, mas em sintonia com o que vinha ocorrendo em nível nacional e internacional.

Os sítios arqueológicos pesquisados foram: Casa da Riachuelo (RS.JA-17), inserido na área urbana central no século XIX, hoje centro histórico; o Solar da Travessa Paraíso (RS.JA-03) (bairro Meni-

no Deus) e o Solar Lopo Gonçalves (RS.JA-04) (bairro Cidade Baixa), situados inicialmente na periferia da cidade, posteriormente incorporados à malha urbana; Chácara da Figueira (RS.JA-12), localizado em área rural, no limite entre os municípios de Porto Alegre e Viamão, tornou-se, mais tarde, um núcleo urbano em desenvolvimento.³

Remetendo ao contexto histórico relacionado ao processo de construção de uma modernidade iniciada no Brasil oitocentista, no qual está inserido o tema da pesquisa, me identifico com uma Arqueologia vinculada à investigação sobre o mundo moderno (Orser, 1996). Preocupada com as transições e transformações das práticas que moldaram aspectos da vida humana desde o final do período feudal e início dos tempos modernos, aos princípios da industrialização e internacionalização do capitalismo (Johnson, 1996), o estudo das evidências materiais no contexto das mudanças de relações entre as coisas, valores e pessoas, muito pode contar sobre “a constituição da vida cotidiana sob o capitalismo nascente e desenvolvido” (idem:06).

Esta perspectiva teórica tem sido adotada no Brasil por Lima (1994, 1995, 1996, 1997, 1999, 2002) ao interpretar localmente, em contextos arqueológicos do Rio de Janeiro oitocentista, a penetração da lógica do capitalismo no país através de bens de consumo industrializados, de novos valores e idéias, resultando em novas práticas e atitudes. No contexto platino destacam-se os trabalhos de Zarankin (1999, 2002). O autor se debruça sobre o processo de formação do mundo moderno e capitalista

através do estudo da arquitetura doméstica e escolar de Buenos Aires, Argentina, desenvolvido numa perspectiva arqueológica.

Tomando a posição acima explicitada como viés, no decorrer do processo interpretativo circulei por entre teorias da Arqueologia, da Sociologia, da Antropologia e da História. As principais obras empregadas como suporte teórico foram de Souza (2000) sobre a modernidade singular e seletiva no Brasil do século dezenove; de Giddens (1995), utilizando principalmente os conceitos de reflexividade na ação cotidiana, consciência prática, regionalização das sedes; de Gardiner (2000) sobre vida cotidiana⁴; de Chartier (1990, 1991, 1996 a, 1996 b, 2001, 2002) sobre suas noções de apropriação, práticas e representações; de Certeau (1994) sobre as idéias das ‘maneiras de fazer’, ‘fazer com’ e práticas de caráter tático; de Velho (2002) sobre as experiências universalizantes e particularizantes e, ainda sobre ações na forma de projetos e condutas. Na Arqueologia, destaco aquelas obras que deram o suporte para uma Arqueologia Pós-Processual. Utilizei largamente Lima (1994, 1995, 1996, 1997, 1999, 2002) sobre a arqueologia em contextos históricos brasileiros; Barret (2001) sobre agência; Hodder (1987, 1991, 1994) e Shanks e Hodder (1995) sobre os pressupostos da Arqueologia Contextual e Interpretativa.

Ao contextualizar historicamente as práticas cotidianas dos grupos domésticos, deparei-me com a complexidade brasileira do século dezenove. Período em que se inicia a construção de uma modernidade pautada em parâmetros

³ As informações sobre o sítio Solar Lopo Gonçalves foram extraídas de Symanski 1998a, 1998b, 2000 e 2002, intensamente pesquisado pelo autor. As investigações de campo e laboratório dos demais sítios – Solar da Travessa Paraíso, Casa da Riachuelo e Chácara da Figueira foram por mim coordenadas no âmbito do Programa de Arqueologia Urbana de Porto Alegre, vinculado ao Museu Joaquim José Felizardo, entre os anos de 1998 e 2002.

⁴ Agradeço ao Prof. Dr. Stanislaw Iwaniszewski e a Profa. Dra. Patricia Fournier Garcia, professores da Escuela Nacional de Antropología e Historia, Cidade do México, pelas discussões em torno de questões teóricas e pelas indicações bibliográficas que se tornaram significativas para o desenvolvimento deste trabalho.

européus, internalização do capitalismo e abalos no sistema escravista até sua derrocada final. Para as elites, Paris constituía-se no paradigma da "cidade moderna", microcosmo da modernidade (Pesavento, 1999). As especificidades históricas deste Brasil, no entanto, o fizeram singular, dados os seus condicionamentos particulares.

No início dos oitocentos, com o incipiente estabelecimento das duas instituições estruturantes do mundo moderno ocidental no país - o Estado e o mercado capitalista -, criaram-se condições para o desenvolvimento de uma modernidade com uma feição nacional, a partir da apropriação de discursos e práticas modernas européias, mas incorporadas, adaptadas e resignificadas segundo especificidades locais. A seletividade foi um dos aspectos marcantes deste processo, reportando, na sua origem, a quinhentos anos no Brasil com a escravidão. Neste sentido, o Brasil não é um "país moderno e ocidental no sentido comparativo de afluência material e desenvolvimento das instituições democráticas", mas o é no momento em que, desde os oitocentos, os valores modernos passaram a ser os legítimos e dominantes, concorrendo com outros códigos valorativos (Souza, 267) próprios da pluralidade socio-cultural do país.

A apropriação das representações veiculadas pelos discursos europeus modernos passou pelos processos de recepção, implicando na releitura/reconstrução/resignificação dos seus valores e práticas associadas. Segundo Pesavento (1999) as idéias são "recicladas" e "historicizadas" em outros contextos, onde são assumidas as particularidades locais. Relacionando à interpretação dos discursos, Chartier (1990:136) afirma

que a noção de apropriação "postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção".

Entre os discursos e as práticas há uma, distância, um espaço no qual se constroem os sentidos e significações a partir das experiências, tradições, referências dos sujeitos (Chartier, 1996 b). Os discursos partilhados, apropriados de diferentes formas, produzem práticas e representações singulares. Práticas essas que não só comunicam uma identidade social, mas a representação que cada grupo faz de si mesmo, significando simbolicamente sua existência, sua forma de ser e estar no mundo. A noção de prática, construída por Certeau (1994:37), parte de questionamentos sobre as "operações dos usuários", suas "maneiras de fazer" cotidianas, supostamente subordinadas à passividade e à disciplina. As práticas - ou "maneiras de fazer"- referem-se aos modos de operação ou esquemas de ação, que conformam lógicas particulares, ocultas e explícitas, caminhos de pensamento e ação (Gardiner, 2000:169,170)⁵. As práticas cotidianas, não formalizadas e que seguem lógicas internas também estão relacionadas ao "fazer com", isto é, ao processo de apropriação associado ao uso dos materiais em práticas de consumo. O consumidor produz, a partir de práticas significantes, de maneiras próprias e particulares de uso, de "maneiras de fazer" e "fazer com".

Práticas, ações, pressupõem a existência de sujeitos ativos na construção de seu próprio mundo. Essa premissa apoia-se em teorias preocupadas com a agência humana⁶. Para Barret (2001), os agentes conduzem suas próprias ações e as dos outros na construção social e cultural de si mesmos e do seu

⁵ Gardiner (2000), como colocado anteriormente, reúne e discute diversos autores que trabalham sobre o viés teórico da vida cotidiana. No Capítulo 07 se refere a Michael de Certeau, do qual emprego algumas colocações.

⁶ Conferir alguns dos artigos que discutem o tema da agência (*agency*) sob o ponto de vista arqueológico, assunto corrente nas Ciências Sociais das duas últimas décadas do século vinte: entre eles Barret (2001), Dornan (2002), Johnson (1989), Ortner (2001), Smith (2001).

mundo, dentro e através de suas condições históricas, de forma reflexiva. Proceder de forma reflexiva - isto é, que os agentes tem "a aptidão de compreender o que fazem enquanto estão fazendo" (Giddens, 1995:24) - é um movimento presente na vida cotidiana (Gardiner, 2000), engajado nas práticas que exigem, necessariamente, a presença de agentes ativos na sua condução.

Compartilho com Giddens (1995) a idéia de que a aptidão reflexiva dos agentes é incorporada no fluxo da vida cotidiana, engajada nas práticas recursivas, rotineiras. Assim, considerando que os sujeitos têm participação ativa na construção do mundo em que vivem através das 'maneiras de fazer' rotineiras e contínuas, o espaço da vida cotidiana torna-se privilegiado para estudos sobre as experiências e ações dos agentes, no âmbito do Brasil oitocentista, sejam relacionadas à construção de práticas pautadas pelos valores modernos e capitalistas ou pelas permanências de antigas condutas e saberes mútuos.

Apoiada em tais construções teóricas, desafiada pelo contexto histórico e pelos limites da documentação material e escrita, me debrucei sobre os contextos arqueológicos evidenciados nas quatro unidades domésticas apontadas, procurando interpretar 'maneiras de fazer' cotidianas (Certeau, 1994). As análises sobre a formação dos depósitos de lixo e sobre o consumo de itens de louça e vidro, resultaram em duas possibilidades interpretativas diferenciadas, considerando o contexto local - a cidade de Porto Alegre - e a natureza de cada prática. Duas esferas da vida doméstica foram contempladas - as refeições à mesa e o chá, e os descartes de lixo - consideradas como ações conduzidas por sujeitos ativos na construção e reprodução sociocultural.

Mas como cheguei na seleção destas duas esferas mencionadas? A seleção do contexto arqueológico - o depósito de lixo, resultado das práticas de descarte principalmente nos fundos das casas - e as evidências materiais daí recuperadas - a parafernália de mesa e de chá em louça e vidro, utilizadas nas salas de jantar (ou varanda) e de visitas - ocorreu pensando as oposições *sujo/limpo*. Desta oposição surgiram outras relacionadas: *fundos/frente* : *fora/dentro* : *ocultamento/exposição* : *intimidade/interação*. Estas oposições, relacionadas a espaços físicos e de usos diferenciados, me remeteram às idéias de regionalização interna das sedes, tendo as regiões importância na constituição de contextos de interação, na relação entre o meio físico e as rotinas da vida cotidiana. Considerando a natureza situada de práticas cotidianas em um espaço e um tempo determinados, Giddens (1995) introduz o conceito de sede como um espaço através do qual se coordenam as atividades diárias, "uma região física que intervém como parte do cenário de uma interação, com fronteiras exatas que contribuem a concentrar de algum modo uma interação" (Giddens, 1995:399)⁷. A regionalização interna das sedes - divididas em região anterior e posterior - possui marcadores físicos e/ou simbólicos, implicando na estruturação de uma conduta social.

A partir destas considerações, relatei as oposições levantadas com as *regiões anterior e posterior* das sedes, e com uma interpretação possível dos significados das práticas cotidianas em espaços determinados. Como uma ferramenta heurística do processo interpretativo, estabeleci relações entre *fora:fundos:sujo:oculto:íntimo* e *região posterior* com as práticas de descarte de lixo fora da casa; e entre *dentro:frente:*

⁷ À noção de interação, Giddens (1995:98-99) articula o termo copresença, elementos fundamentais no estudo das práticas da vida cotidiana: "No curso de suas atividades diárias, os indivíduos se encontram eles mesmos em contextos situados de interação: uma interação com outros que estão fisicamente copresentes".

limpo: exposição: interação e região anterior da sede com as práticas relacionadas às refeições e ao chá.

Procurei relacionar estas oposições, seguindo os eixos de regionalização das unidades domésticas como sedes, com a cidade de Porto Alegre e seu entorno no século dezenove. Esta passa a ser também uma sede, em uma escala macro, dividida também em regiões posteriores e anteriores. Assim, na cidade e seu entorno rural e periférico como sede, levantei as seguintes oposições: *área urbana central/área periférica e rural : sujo/limpo : cidade baixa/cidade alta : centro econômico/centro político*. A *região posterior* da sede está relacionada com *área urbana central : sujo : cidade baixa: centro econômico*. Já a *anterior* com *área rural e periférica : limpo : cidade alta : centro político*.

A articulação entre as duas sedes - em suas escalas micro e macro - foi feita somente naqueles aspectos onde foi possível, por exemplo: *região posterior : área urbana central : sujo : cidade baixa : fundos da casa / região anterior : área rural e periférica : limpo : cidade alta : frente da casa*.

Assim, antes de passar aos resultados alcançados a partir das relações feitas no processo interpretativo, situo nas idéias de Giddens (op.cit.) o instrumental teórico-metodológico e um quadro conceitual adequado à proposta da pesquisa empregado nas minhas análises. Tais formulações coadunam-se aos pressupostos teóricos dos autores apresentados anteriormente com relação às noções de prática, apropriação, discursos, representações e sujeitos atuantes, agentes na condução da vida cotidiana. O contexto histórico mais amplo, onde situam-se as atividades diárias, rotineiras, vai para além da cidade e do país com suas especificidades. Diz respeito à modernidade, uma modernidade singular sendo construída no século dezenove no Brasil sobre bases locais e de um movimento europeu ocidental.

Agora sintetizando os resultados:

As práticas vinculadas às refeições e ao chá foram interpretadas como resultado de ações intencionais ou '*projetos*' (Velho, 2002) que, embora estivessem profundamente entrelaçadas à constituição de um mercado consumidor de bens industrializados importados, tornando o consumo um fato social permanente no século dezenove também no Brasil, apresentam especificidades próprias das biografias, experiências sócio-econômicas e culturais, gostos e preferências. Parto do pressuposto que a ação de adquirir um produto através da compra exige uma intenção, um objetivo predeterminado, consistindo um ato reflexivo. Por esta peculiaridade, o consumo insere-se no que Velho (op.cit.) denomina de projeto. É formulado e elaborado "dentro de um 'campo de possibilidades' circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes" (idem:27). Considerando o ato de consumo como projeto, se perguntarmos ao sujeito o que o levou à ação, este poderá apresentar argumentações, interpretações sobre a natureza e as razões do seu comportamento, o que Giddens (1995) chama de consciência discursiva.

Trazendo novamente Certeau (1994), o consumo por parte de sujeitos ativos nesse processo qualifica-se como produção, incorporada nas 'maneiras de fazer com', nas formas particulares de uso dos objetos na vida doméstica, nas práticas cotidianas. Relacionando o projeto como tomada de decisões influenciada por vários elementos tanto individuais como coletivos, com o consumo como produção, temos a particularização de experiências. O 'projeto' ou o ato de consumo caracteriza-se, assim, como *experiência particularizante* (Velho, 2002), o que marca as diferenças na apropriação dos itens de mesa e chá de louça e vidro, sejam nas escolhas direcionadas a determinadas pastas, decorações e for-

mas, como nas maneiras de usá-los, considerando os espaços apropriados e os momentos de maior formalidade ou informalidade, exposição ou privacidade, intimidade.

Neste momento não vou trazer as particularidades levantadas e analisadas para cada sítio arqueológico - sobre os contextos arqueológicos e os grupos domésticos - mas acentuar o que pode haver em comum entre as práticas interpretadas das quatro unidades domésticas.

Às práticas em momentos de maior formalidade das refeições, do jantar mais especificamente, ou do chá entre membros dos grupos domésticos ou também com a presença de convidados ou hóspedes, foram relacionadas as peças de louça com decoração mais elaborada, pastas de maior valor (como a porcelana e o *ironstone*), taças e cálices de vidro, ao contrário daqueles itens para contextos de maior intimidade e informalidade. As escolhas de consumo foram direcionadas, no primeiro caso, ao uso de peças em espaços de exposição, de interação social representados pelas salas de jantar nos solares e as prováveis salas de visitas multifuncionais, locais de maior valorização nas residências, ou também possivelmente as salas de refeições ou varandas no assobradado da Riachuelo e casa do Morro Santana. Espaços também públicos, onde adentravam pessoas exteriores aos grupos domésticos, os primeiros constituíam a *região anterior* da sede, área de *dentro* da casa, na *frente*, *limpa*, espaço de *exposição* e *interação social*. Espaços mais permeáveis à adoção de valores e práticas modernas, veiculadas pelos discursos desterritorializados de seu local de origem, interpretados e adaptados nos contextos nacional e local.

O fenômeno de "reeuropeização" no século dezenove (segundo Souza, 2000), de aspiração de que o país se tornasse uma nação que compartilhasse os pressupostos da sociedade moderna capitalista, a vontade de "afrancesamento" das

elites, eram o 'carro chefe' das práticas para aqueles que queriam sentir-se inseridos neste processo. Os bens de consumo produzidos e consonantes com práticas ritualizadas do jantar e do chá, na Europa, encontraram no Brasil, principalmente na segunda metade dos oitocentos e, no caso, em Porto Alegre, um mercado consumidor em potencial se abrindo para diferentes segmentos sociais. Aqui os desejos de emulação, de ostentação de *status* socioeconômico, de participação na construção de uma modernidade brasileira, de sentir-se partícipe da vida moderna desenvolvida nas principais cidades, sem esquecer que Paris em nível internacional e o Rio de Janeiro, em nacional, eram os paradigmas da modernidade ocidental no país (Pessavento, 1999).

Quanto à seletividade do processo de modernização apontada por Souza (2000), é importante fazer um destaque. Como parte da singularidade brasileira, a seletividade pode ser percebida nos projetos de consumo pelos grupos domésticos do assobradado da Riachuelo e da chácara do Morro Santana. Comparando as amostras arqueológicas, percebe-se que a maior variedade de peças em louça e vidro recuperadas, exercendo diferentes funções, está relacionada aos dois grupos domésticos pertencentes à elite porto-alegrense - sítios Solar Lopo Gonçalves e Solar da Travessa Paraíso -, sugerindo uma compartimentação do jantar, organizado em cobertas, e uma maior preocupação com o momento do chá, provavelmente servido de maneira cerimoniosa. Tais elementos indicam a incorporação de práticas modernas vinculadas às refeições e ao chá, condizentes com a posição socioeconômica destes grupos, mesmo que atribuídos significados diversos segundo as interpretações feitas (aqui não expostas). A amostra do sítio Casa da Riachuelo não apresenta formas que indiquem funções mais especializadas, como por exemplo terrina, molheira, jarra, açucareiro e leiteira. Semelhante si-

tuação ocorre com o sítio Chácara da Figueira. Possivelmente os grupos domésticos destas duas unidades tenham direcionado suas escolhas priorizando os atributos decorativos, pastas e formas mais simplificadas das peças, não conferindo maior significado à variedade de funções e conseqüente complexificação no uso destas. Mesmo que as práticas em questão não fossem realizadas segundo os modelos franco-inglês e português para o jantar e o inglês para o chá, os itens que as davam suporte transmitiam um pertencimento à moda do momento, através de jogos de louça mais simples, mas em *transfer printing* ou de peças cujas decorações apresentavam combinações. Provavelmente o desejo de sentirem-se inseridos no processo de transformações tenha conduzido a maneiras criativas de 'fazer com' (Certeau, 1994) os objetos, adaptando o seu uso a situações peculiares, próprias das trajetórias e experiências dos sujeitos envolvidos. Neste sentido trago a idéia de Certeau (op.cit) com respeito ao consumo como produção, produção que é astuciosa, quase invisível e que se faz notar nas maneiras de empregar os produtos.

A interpretação sobre as práticas de descarte do lixo doméstico já aponta para uma direção diversa das relacionadas às refeições e ao chá. Foram consideradas como *experiências universalizantes* (Velho, 2002), partilhadas em largos períodos de tempo e espaços no ocidente, ultrapassando fronteiras políticas, além mar. Segundo Velho (op.cit), a *universalização* de experiências se expressa culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores, como paradigmas. São experiências partilhadas, com uma amplitude temporal e espacial que revela sua força de difusão e absorção para além de diferenças sociais. Por esta relação constituir-se em práticas que não requerem necessariamente a tomada de decisões ou objetivos pré-determinados como exige o *projeto*, a ação configura-se como conduta (idem). Faço estas con-

siderações para relacionar as práticas de descarte de lixo nos contextos das unidades domésticas - ou 'maneiras de fazer com' os refugos -, como condutas recursivas na vida cotidiana, expressões de experiências compartilhadas ou universalizantes. O caráter rotinizado desta prática, no entanto, não reduz a sua dimensão reflexiva que, segundo Giddens (1995), também é manifestada por uma *consciência prática* que "consiste em todas as coisas que os atores sabem tacitamente sobre o modo de <ser com> em contextos de vida social sem (...) uma expressão discursiva direta" (op.cit:24).

A análise sobre os depósitos de lixo doméstico evidenciados nos sítios e as práticas que os produziram, foi realizada considerando que essas 'maneiras de fazer' (Certeau, 1994) cotidianas eram condutas compartilhadas, permanências de longo tempo, como parte de um "saber mútuo" (Giddens, 1995:42), de caráter prático, colocado na ação através da consciência prática.

Sem desconsiderar as especificidades analisadas nos quatro sítios arqueológicos sobre a formação dos depósitos de lixo no século dezenove - desde a dejeção em ampla área no entorno da edificação, a concentração em pontos determinados até a preparação de alguns poucos buracos para enterrar o lixo - e as questões particulares levantadas para as unidades e os grupos domésticos, foi percebida uma tendência comum. O descarte dos refugos nos quintais das residências foi realizado, preponderantemente, de forma exposta, sem preocupações com os preceitos e medidas higienistas que começaram a ser difundidas e aplicadas a partir do terceiro quartel dos oitocentos na cidade. Um direcionamento diferenciado, possivelmente a partir dos anos oitenta, deu-se com o(s) grupo(s) doméstico(s) do assobradado da Riachuelo. Localizado em pleno centro urbano, numa das ruas mais antigas de Porto Alegre estava, portanto, sujeito à vigilância sanitária e penalidades pela Intendência.

Não obstante a penetração de valores e práticas modernas no interior da vida doméstica, *fora* da casa, nos *fundos* principalmente, espaço *oculto*, de *intimidade*, privado, foram mantidas atitudes há muito incorporadas no cotidiano das sociedades ocidentais. Na *região posterior* da unidade doméstica, na cozinha, na área de serviços e onde se jogava toda a sorte de refugos orgânicos e inorgânicos, vista pelos olhares dos estrangeiros como *suja*, era possível a permanência de condutas arraigadas e que remontam à relação do homem com os odores produzidos, seus restos. Aqui a manutenção de uma "fidelidade ao lixo" (Corbin, 1987), associada à continuidade de práticas nos espaços públicos, formadoras da insalubridade reinante e dos miasmas ainda nas últimas décadas do século dezanove, contra as quais os discursos médicos e normas higienistas do Estado tanto combatiam.

As permanências das 'maneiras de fazer com' o lixo nos locais de intimidade e ocultamento das unidades domésticas, preservados do olhar da modernidade, remetem ao antigo regime sensorial, aos saberes mútuos, antigos hábitos e tradições. Uma resistência sutil, quase invisível, pode aí ser interpretada, considerando as condutas recursivas repetidas de forma rotineira, de caráter tático. Segundo Certeau (1994:47), as práticas de caráter tático "apresentam continuidades e permanências", sobrevivências de 'maneiras de fazer' institucionalizadas pelo tempo, menos visíveis e que se opõe às estratégias do poder oficial. Práticas marginais eram mantidas, não submetidas aos discursos e estratégias oficiais mesmo por aqueles que eram partícipes das novas idéias e mudanças provocadas pela construção de uma modernidade em termos nacionais, porém influenciada por parâmetros de uma Europa moderna, já burguesa e capitalista.

Na direção interpretativa apresenta e procurando sintetizar em poucas palavras, construí uma reflexão que apontou para práticas domésticas cotidianas

cujas operações e significações seguiam idéias, sentidos, preceitos, segundo a sua natureza diferenciada. 'Maneiras de fazer' situadas num tempo e em espaços de recepção, de exposição, públicos e de interação social, e também de isolamento, de ocultamento, de privacidade e de intimidade, que caracterizavam as residências oitocentistas. Assim relaciono aquelas práticas vinculadas às refeições e ao chá como resultados de projetos de consumo, parte de experiências particularizantes, realizados a partir de ações intencionais dos sujeitos, direcionadas ao encontro dos valores e discursos des-territorializados de sociedades modernas capitalistas. Já as de descarte de lixo, como resultado de condutas táticas inseridas numa experiência universalizante relacionada à relação do homem ocidental com os odores, provocados pela exalação dos cheiros dos órgãos, humores e do meio. Permanências que conflituavam com o redirecionamento provocado por uma nova atenção olfativa, pela intolerância aos odores, insalubridade e miasmas incentivando projetos de desodorização, necessários à construção de uma sociedade "civilizada" alicerçada em valores modernos e capitalistas.

As interpretações alcançadas vão ao encontro da perspectiva de que uma análise de práticas deve obrigatoriamente considerar que há uma distância entre estas e os discursos. Os sentidos e significados construídos nos processos de recepção das produções discursivas e das representações por eles veiculados, produzem práticas que, por sua vez, "são sempre criadoras de usos e representações" (Chartier, 1990:136). E aqui reside o desafio de uma Arqueologia que vise, a partir da relação entre os contextos arqueológicos e os discursos, interpretar práticas de grupos domésticos considerados como sujeitos atuantes no mundo social, num contexto histórico de profundas transformações no sentido da construção de uma modernidade singular e seletiva no Brasil oitocentista.

Referências Bibliográficas

- BARRET, J. C. 2001. *Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record. Archaeological Theory Today*, In: Hodder, I. (Editor). Cambridge: Polity Press, pp. 141-164.
- CERTEAU, M. de. 1994. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CHARTIER, R. 1990. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.
- . 1991. *O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO. Estudos Avançados*, 11(5), pp.173-191.
- . 1996 a. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- . 1996 b. *El Mundo como Representación*. Barcelona: Ed. Gedisa.
- . 2001. *Cultura Escrita, Literatura e História: Conversas com Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora.
- . 2002. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- CORBIN, A. 1987. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DORNAN, J. L. 2002. Agency and archaeology: past, present and future directions. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v.9, n.4, Plenum Publishing Corporation, pp.303-329.
- GARDINER, M. E. 2000. *Critiques of Everyday life*. London/New York: Routledge.
- GIDDENS, A. 1995. *La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración*. Buenos Aires: Amorrortu.
- HODDER, I. 1987. *The archaeology of contextual meanings*. In: Hodder, I. (Editor), New York/Cambridge: University Press.
- . 1991. *Interpretive archaeology and its role. American Antiquity*, 56 (1), pp.07-18.
- . 1994. *Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales*. Barcelona: Crítica.
- JOHNSON, M. H. 1989. Conceptions of agency in archaeological interpretation. *Journal of Anthropological Archaeology* 8, n.2, pp.189-211.
- . 1996. *An Archaeology of Capitalism*. London: Blackwell Publishers.
- LIMA, T. A. 1994. *Dos morcegos e caveiras a cruces e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX. Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material*, v.02, Nova Série. São Paulo, pp.87-150.
- . 1995. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material*, vol. 03, Nova Série. São Paulo, pp.129-191.
- . 1996. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, 2 (3), pp.46-98.
- . 1997. *Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material*, vol. 05, Nova Série. São Paulo, pp.93-127.
- . 1999. *El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueología latinoamericana contemporánea*. In: Zarankin, A. e Acuto, F. (eds.). Buenos Aires: Ed. del Tridente, pp.189-238.
- 2002 O papel da Arqueologia Histórica no Mundo Globalizado. *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Cultura Material, Discursos e Práticas*. In: Zarankin, A. e Senatore, M. X. (Org.), Buenos Aires: Ediciones del Tridene, pp. 117-127.
- ORSER, C. E. 1996. *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York: Plenum Publishing Corporation.
- ORTNER, S. B. 2001. *Commentary: practice, power and the past. Journal of Social Archaeology*, vol 1(2), London: SAGE Publications, pp.271-278.
- PESAVENTO, S. J. 1999. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro*. Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS.

- SHANKS, M.; Hodder, I. 1995. *Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. Interpreting archaeology. Finding meaning in the past*, In: Hodder, I. et al., London: Routledge.
- SMITH, A. T. 2001. The limitations of doxa: agency and subjectivity from an archaeological point of view. *Journal of Social Archaeology*, vol 1(2), London: SAGE Publications, pp.155-171.
- SOUZA, J. 2000. *A Modernização Seletiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SYMANSKI, L. C. P. 1998a. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- . 1998b. *Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves*. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 11:71-86.
- . 2000. *As práticas de deposição de refugo em uma unidade doméstica oitocentista: o Solar Lopo Gonçalves*. *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (1997)*, Rio de Janeiro (CDROM).
- . 2002. *Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Cultura Material, Discursos e Práticas*. In: Zarankin, A. e Senatore, M. X. (Org.), Buenos Aires: Ediciones del Tridene, pp. 31-62.
- TOCCHETTO, F. 2004. *'Fica dentro ou joga fora?' Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas da Porto Alegre oitocentista*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.
- VELHO, G. 2002. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ZARANKIN, A. 1999. *Casa tomada: Sistema, poder y vivienda doméstica. Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueología latinoamericana contemporánea*, In: Zarankin, A. e Acuto, F. (Editores.). Buenos Aires: Ed. del Tridente, pp.239-272.
- . 2002 *Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: o caso de Buenos Aires*. Campinas: Centro de História da Arte e Arqueologia-UNICAMP/FAPESP.